

# CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS PARA A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

Priscila Maria Vieira dos Santos Magalhães<sup>1</sup>  
Crislainy de Lira Gonçalves<sup>2</sup>

O presente trabalho insere-se no campo discursivo da avaliação da aprendizagem e é fruto de uma pesquisa de campo desenvolvida em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do agreste pernambucano. Assim, tivemos como principal objetivo analisar como as práticas avaliativas mobilizadas no cotidiano da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental podem contribuir para a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Neste sentido, tratamos sobre a avaliação e suas contribuições para a apropriação do sistema de escrita alfabética, embasadas pelos pressupostos teóricos de uma avaliação formativa, que não se resume a etapa final de um processo, mas que está arraigada às práticas curriculares e de ensino, colocando à disposição do professor informações qualitativas sobre os processos de aprendizagem dos alunos (PERRENOUD, 1999).

Destacamos a relevância que gira em torno deste debate acerca da avaliação e da Apropriação do Sistema de Escrita alfabética por considerarmos que os processos relacionados ao currículo-ensino-aprendizagem-avaliação estão articulados entre si (FERNANDES, 2011), o que faz com que as concepções acerca destes elementos reverberem na prática cotidiana que envolve o conjunto das ações que constituem a prática docente. Assim, pensando esta relação, nos apoiamos nos achados de pesquisas anteriores, como a de Ferraz (2005), por exemplo, que nos informa que “uma boa parte dos docentes ainda lançam mão de muitos aspectos dos métodos tradicionais de alfabetização para ensinarem o sistema de escrita alfabética” (p. 93).

Neste sentido, questionamo-nos se o motivo pelo qual os docentes ainda se apegam a métodos tradicionais que direcionam os alunos para que aprendam um código e não um sistema notacional está relacionado às concepções não apenas de currículo, mas, aliada a esta, à concepção de ensino e avaliação.

Assim, evidenciamos que a avaliação assume um importante papel no direcionamento que as escolas e os professores dão às suas práticas cotidianas, não somente ao selecionar os conteúdos apresentados pelo currículo, mas, principalmente, ao definirem uma perspectiva metodológica de ensino em detrimento de outras. Assim, ao propormos refletir sobre a avaliação da aprendizagem a partir de um caráter formativo, o fazemos por entendermos que esta perspectiva de avaliação possibilita ao professor criar estratégias outras de ensino que estejam relacionadas às necessidades de aprendizagem dos alunos, e não somente ao que é requerido através dos resultados que o currículo, as escolas e secretarias buscam standardizar.

Desta feita, com base nesta problemática que circunda a prática dos professores no que diz respeito à articulação entre a avaliação da aprendizagem enquanto meio formativo que contribui para a apropriação do sistema de escrita alfabética, expomos o percurso teórico-metodológico que utilizamos para a realização deste trabalho, que está fundamentado em uma abordagem qualitativa de pesquisa.

Destacamos que enquanto *locus* enunciativo, tivemos como campo de estudo uma escola pública do município de Caruaru-PE, e, como sujeitos, professoras atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais especificamente nas turmas do 2º ano (P4), 3º ano (P2), 4º ano

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), Caruaru, PE, Brasil. E-mail: [priscilamagalhaesufpe@gmail.com](mailto:priscilamagalhaesufpe@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), Caruaru, PE, Brasil. E-mail: [crislainy67@gmail.com](mailto:crislainy67@gmail.com).

(P3) e 5º ano (P1) da instituição de ensino selecionada, que no decorrer desse estudo serão identificadas como P1, P2, P3 e P4. Para coleta dos dados, realizamos entrevistas semiestruturadas com as professoras, que foram analisadas à luz da Análise do Discurso na perspectiva de Orlandi (2010).

### **Discursos das professoras do ensino fundamental: processo de ensino-aprendizagem-avaliação**

Como já mencionado anteriormente, o objetivo central deste estudo consiste em analisar as contribuições das práticas avaliativas para a apropriação e consolidação do Sistema de Escrita Alfabética. Assim, faz-se pertinente explicitarmos inicialmente nossas compreensões acerca desse sistema. Desta feita, o compreendemos não como um código, mas sim como um sistema notacional composto por um conjunto de regras e propriedades complexas da língua, necessitando assim, ser “entendido como ferramenta simbólica e não um simples código da transcrição da fala” (MORAIS, 2005, p. 8).

Nesse sentido, compreendemos que ser imprescindível no espaço escolar a mobilização de metodologias, práticas e estratégias que contribuam para o desenvolvimento nos alunos das capacidades de compreensão e apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Com isto, por entendermos as práticas avaliativas como movimento que tem a avaliação enquanto prática vivida no cotidiano da sala de aula, nos questionamos: Qual o papel e o lugar que a avaliação ocupa no ensino desse sistema? Como ela tem contribuído para que os alunos se apropriem desse sistema? A serviço de quem/que ela tem estado?

Assim, situamos aqui a avaliação como “um dos elementos do processo de ensino que possibilitam o desenvolvimento das habilidades linguística do aluno” (COSTA, 2009, p. 31). Em outras palavras, nos distanciamos de concepções carregadas de sentidos punitivos das práticas avaliativas, posto entendermos que estas configuram-se como ferramentas orientadoras do trabalho do professor mediante o oferecimento de informações que realimentam o planejamento de ensino.

Por conseguinte, visualizamos na realidade investigadas que as práticas avaliativas mobilizadas pelas professoras imbuíram-se de um caráter formativo, não pontual, mas expressas cotidianamente em vários momentos da prática de ensino. Assim, os diversos instrumentos e procedimentos avaliativos realizados pelas docentes, como ditados, projetos de leitura a partir de vários gêneros textuais, atividades extra livro, momentos de leituras de textos e imagens, individuais e coletivas, bem como produções de textos, as possibilitavam identificar os diferentes níveis alfabéticos que os alunos estavam, conforme indicou P4 ao ser questionada sobre a forma que avaliava seus alunos: “hoje eu vejo que os alunos só conseguiram escrever palavras com uma sílaba, amanhã já verifico que eles conseguiram escrever com duas sílabas, depois com três, e por aí vai. E assim a gente vai vendo a evolução deles, ou não”.

Desta feita, o discurso ora apresentado nos revela que as práticas de avaliação desenvolvidas em sala de aula podem revestirem de finalidades diagnósticas das hipóteses silábicas, contribuindo assim para que a docente faça uma leitura das habilidades linguísticas dos alunos, uma vez que como nos indica Costa (2009, p. 30), “a avaliação é, antes de tudo, uma atividade de leitura” orientadora da prática de ensino, do planejamento e dos procedimentos metodológicos.

Assim, para além de contribuir oferecendo um diagnóstico dos níveis silábicos dos alunos, analisamos ainda que apesar das práticas avaliativas dessas professoras estarem inseridas no contexto de influência que constituem as políticas e sistemas de avaliação, tais práticas foram mobilizadas no sentido de contribuir para consolidação das habilidades de leitura

e escrita dos alunos que apresentam atrasos na aquisição da linguagem. Desse modo, ao se referir aos alunos com tardia alfabetização, a professora 1 afirma:

[...] porque na verdade eles estão aqui no 5º ano porque o sistema passou eles, mas eles não têm condições de acompanhar os conteúdos daqui. Mas aí eu não posso ficar parada. Então eu vou procurando meios pra ajudar pra que ele consiga se alfabetizar. Porque infelizmente a realidade que eu tenho aqui é essa: **alunos que estão no 5º ano, mas não são alfabetizados**. E aí fora o meu planejamento normal, eu **tenho que ir buscando outras atividades por fora pra que esses alunos que não conseguem acompanhar, comecem a caminhar**. É o que a gente tá chamando de intervenção na leitura. [...] E aí vou buscando **ensinar mais individualmente a esse aluno**. As atividades também vão ser diferenciada.

Dessa maneira, ao enunciar que “eles estão aqui no 5º ano porque o sistema passou eles”, as professoras estão revelando que as medidas (progressão automática) advindas das políticas e discursos oficiais em prol da “alfabetização na idade certa”, de forma exacerbada buscam a melhoria dos resultados, contudo, tal progresso quantitativo não necessariamente reflete a qualidade das capacidades linguísticas que estão sendo formadas nos alunos. Prova disso, reside no fato que mesmo os alunos estando no 5º ano (o que se supõe que suas capacidades de leitura e escrita já estão formadas), estes foram “empurrados” para este nível de ensino sem, contudo, terem desenvolvido as competências linguísticas e comunicativas de uso da língua nos espaços escolares e sociais. Entretanto, não é nossa intenção aqui apontar as discrepâncias entre os discursos pensados e os vividos, mas sim refletir acerca das condições reais de apropriação do Sistema de Escrita na escola.

Sendo assim, percebemos no discurso acima mencionado, que frente a disparidade das habilidades linguísticas esperadas e as que de fato os alunos apresentam, as professoras têm buscado desenvolver práticas de ensino mais individualizadas que contribuam para o atendimento das diferentes necessidades e tempos formativos dos alunos. Assim, corroborando com essa individualização e sistematização do ensino, Galvão e Leal (2005) afirmam que “é pertinente e urgente ainda pensar sobre a necessidade de organizarmos estratégias ordenadas e sistematizadas para o ensino e a aprendizagem do sistema de notação alfabético, já que esse é um objeto de conhecimento que tem suas especificidades” (p. 12).

Por fim, como última contribuição da avaliação da aprendizagem enquanto parte do processo de ensino, trazemos as informações que ela proporciona sobre o desenvolvimento dos alunos e a prática dos professores. Isto pode ser evidenciado no discurso da professora 3, que a partir de procedimentos formais e informais de avaliação identificou o seguinte: “o nível de português aqui melhorou consideravelmente a partir do momento que a gente tá fazendo esse trabalho com textos diversos dos gêneros textuais”. Percebemos a partir desta fala que através das avaliações desenvolvidas cotidianamente por esta professora, a mesma percebeu a necessidade de mobilização de textos mais atraentes e significativos socialmente para os alunos, visto que estes poderiam trazer contribuições marcantes para a formação das capacidades de leitura, que consiste em um objeto de ensino que, através do sentido que o aluno atribui se transforma em um objeto de aprendizagem (LERNER, 2002).

A fala desta professora também nos aponta o fato de que a avaliação em seus processos formais e informais não somente a direcionou a adotar uma nova forma de trabalho como também contribuiu para que ela analisasse os avanços que esta mudança proporcionou a seus alunos. Assim, vemos através do movimento da prática cotidiana a avaliação enquanto norteadora das práticas de ensino-aprendizagem, que não apenas apresenta informações sobre

as dificuldades dos alunos ao final de um processo, mas que, pelo contrário, possibilita a alunos e professores aprenderem através da sua articulação com o currículo-ensino-aprendizagem.

### **Algumas considerações**

Depreendemos mediante os discursos das professoras a articulação entre a avaliação da aprendizagem e as suas práticas de ensino. Neste sentido, destacamos que a avaliação que se realizou neste cotidiano investigado esteve focada não apenas no aluno - expondo seus avanços e necessidades - mas também no trabalho desenvolvido pelos professores, ao passo que como pudemos visualizar nos discursos das professoras, a avaliação que realizam cotidianamente, constitui-se enquanto ferramenta de diagnóstico das hipóteses silábicas dos alunos, e direciona as práticas metodológicas de ensino que o professor desenvolve na intenção de contribuir para consolidação das habilidades de leitura e escrita dos discentes com atrasos na aquisição da linguagem.

Deste modo, percebemos que a avaliação do processo foi dando dicas aos professores sobre os caminhos a serem percorridos – como por exemplo, o contato com diversos gêneros textuais de uso social - como também, possibilitou obter informações sobre o que e como estes novos caminhos adotados por eles fizeram seus alunos avançarem no que concerne a Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Frente a estes achados, ressaltamos que as práticas avaliativas constituem-se como instrumento a serviço de ambos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, bem como ao êxito das práticas de leituras e escritas tecidas na escola.

### **Referências**

COSTA VAL, M. G. **Avaliação do texto escolar: professor-leitor/aluno-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERNANDES, Domingos. Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: questões teóricas, práticas e metodológicas. In: ALVES, Maria Palmira; KETELE, Jean-Marie De. **Do Currículo à Avaliação, da Avaliação ao Currículo**. Porto: Porto Editora, 2011.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Tela Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A. G et al. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEAL, L. F. V. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA VAL, M. G.; ROCHA, G. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAIS, Artur Gomes. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: MORAIS, A. G et al. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.